

UMA BREVE ANÁLISE DA FIGURA DA MORTE EM XILOGRAVURAS DO SÉCULO XVI: O IMPERADOR E A VELHA DE HANS HOLBEIN, O JOVEM (1498-1543)

EDUARDA WILLE ZARNOTT¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – zarnottduda@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, é notável o interesse crescente que a sociedade tem desenvolvido sobre temas que envolvem a morte e os demais aspectos macabros que a cercam. Apesar do tema ainda ser considerado tabu dentro dos círculos sociais, o consumo de materiais e produções que representam o universo mortuário, além de estar sempre em desenvolvimento, atinge um público cada vez maior. Tendo em vista esse conhecimento prévio, a finalidade deste trabalho é justamente refletir sobre a forma com que a sociedade lidava com a ideia de morte em outras épocas, especificamente a sociedade dos séculos XIV ao XVI.

Para compreender sua recepção, podemos colocar duas linhas possíveis de interpretação: “Ela vem para todos” no sentido de tormento, visto que seu propósito era frisar que ninguém escapa da morte, não existem caminhos para fugir; ou “ela vem para todos” como um alívio, não importa quantas posses a pessoa tenha tido em vida ou quantos anos ela dedicou para obras religiosas, a morte é a única coisa que atinge a todos, sem privilégios ou distinções.

Entre os objetivos desta pesquisa, encontram-se a reflexão acerca do imaginário de morte tardo-medieval e a influência direta que a cultura aplicava nele. Para tanto, será analisada a figura da morte nas xilogravuras de Hans Holbein sob a lente do conceito de tipologia social (LEHMANN-HAUPT, 1978), que se refere ao ato de pensar na sociedade através do conceito aplicado em suas representações artísticas. Apesar de não ser o pioneiro em representações da morte em xilogravuras, o trabalho de Hans Holbein (1498-1543) tornou-se referência na área, pois diferente de outras obras que representam a Dança da Morte, as de Holbein apresentam cadáveres em um caráter menos convidativo, não conduzem o movimento e agem mais como interventores na vida mundana, tornando-se parte do cenário e até mesmo do cotidiano. Ele constrói uma narrativa inteira ao longo de suas 41 xilogravuras que vão desde o Gênesis, passando pelo pecado, por cenários rotineiros da vida do povo, até o Juízo Final.

O exemplo clássico dessa interação do artista e sociedade, que é a tipologia social, é a Dança da morte. Mostrando o encontro da morte com representantes de todas as variedades de ocupações humanas, o arranjo da Dança carrega uma compreensão implícita da sociedade como sujeita a rígida estratificação. Paradoxalmente, também mostra a morte como o grande equalizador que vem para todos os homens (LEHMANN-HAUPT, 1978, p. 8, tradução nossa).

Este trabalho é um recorte da pesquisa que vem sendo desenvolvida para o trabalho de conclusão de curso. O interesse para esta temática surgiu no ano de 2020, durante a cadeira de Imagem e Teorias da História com foco na iconografia

da morte no Ocidente e o estudo de tais representações sociais, ministrada pelas Professoras Dra^a. Viviane Saballa e Dra^a Elisabete Leal.

2. METODOLOGIA

Utilizando-se de pesquisa bibliográfica, o presente trabalho baseou-se na análise crítica através de viés histórico e social para refletir sobre o imaginário de morte tardo-medieval. O recorte aqui apresentado tem como foco duas xilogravuras, a saber, A morte e o Imperador e A morte e a velha de Hans Holbein pois ambas representam a ambiguidade encontrada no imaginário mortuário da época. Apesar dos cenários nas demais peças também retratarem o cadáver como parte da cena, interagindo com os demais personagens, nada representa mais a universalidade da morte do que um imperador e uma velha. O primeiro pois, mesmo com suas posses e poderes, não escapa do destino final; enquanto a idosa é conduzida pelos cadáveres com festividades e alegria mostrando quase que o ciclo natural da vida chegando ao seu fim. Uma contraste que afirma essa teoria é a figura da ampulheta, que simboliza a passagem do tempo: Enquanto o imperador, de aparência relativamente jovem e com muito pela frente para viver, tem sua ampulheta inteira, a idosa já curvada, com as marcas da idade refletindo na pele, possui a sua já quebrada, aos pedaços.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em meio a tanta desigualdade social, desgraças, mortes sem explicação, doenças sem cura, entre outros fenômenos característicos do período, é compreensível assimilar como o vislumbre da figura da morte como representação artística tornou-se tão presente entre a sociedade da época, envolvendo-se como um importante ícone cultural no final da idade média. O conceito de *memento mori* ter se popularizado, tanto em produções artístico-literárias quanto dentro da sociedade como foco de circulação cultural, diz muito sobre como os atores sociais liam seu momento. Não havia como *não* encarar a mortalidade, visto que ela estava por todos os lados. A partir deste momento, surge a Dança da Morte, representada em todas as áreas das artes: músicas, livros, pinturas e xilogravuras etc.

[...] a dança macabra do Cemitério dos Inocentes, desaparecida no século XVII devido à demolição da galeria, foi a imagem mais popular da morte que a Idade Média conheceu. Dia após dia, no singular e macabro local de encontros que constituía o Cemitério dos Inocentes, milhares de pessoas admiraram as figuras simples, leram os versos inteligentes, em que cada estrofe terminava com um provérbio conhecido, consolaram-se com a igualdade de todos na morte e tremaram perante o fim. Em nenhum outro lugar aquela morte de caráter simiesco podia estar tão em casa, ela, que rindo com todos os dentes, com os passos enferrujados de um velho mestre de dança, arrasta consigo o papa, o imperador, o nobre, o trabalhador, o religioso, a criança pequena, o louco e todas as profissões e posições sociais (HUIZINGA, 2010, p. 234).

Huizinga (2010) afirma que em meados do século XIV, a gravura em madeira, trazendo temáticas mortuárias, encontrou um espaço na sociedade tão importante quanto às palavras do pregador, de modo que, reunidos, ambos se tornaram meios de expressão de massa. Somando-se ao fato de que os ideais de morte entoados e desenvolvidos nos séculos anteriores reuniam-se naquele momento,

invocando uma imagem brutal, primitiva e superficial, surgia então, uma noção de perecibilidade ligada à morte que impossibilitava a dissociação da deterioração e putrefação e, dessa forma, era apresentada às massas.

É como se o espírito do final da Idade Média não pudesse enxergar a morte sob outro aspecto além do da deterioração. Eram três os temas que forneciam a melodia para aquele eterno lamento sobre o final de toda a glória terrena. Primeiro havia o motivo que perguntava: onde estavam todos aqueles que outrora encheram o mundo com a sua glória? Depois havia o tema da visão horripilante da decomposição de tudo aquilo que um dia fora beleza humana. Por fim, o motivo da dança macabra, a morte que arrasta consigo as pessoas de qualquer profissão, de qualquer idade (HUIZINGA, 2010, p. 221-222).

É nesse viés de finitude que Hans Holbein apresenta a figura da morte no seu sentido mais implacável, impossível de ser ignorada, tais quais os corpos putrefatos que se tornavam parte do cenário tardo-medieval. Em todas as peças de sua própria dança da morte, Holbein atribui a seus esqueletos um sentido bastante espirituoso, principalmente quando pensamos nas peças *O imperador e A velha*.

Em *O Imperador*, vê-se um cadáver provocando o imperador ao subir em seus ombros e brincar com a coroa, os súditos assistem a cena com pavor e a expressão do monarca é irritada, simbolizando a morte como finitude de seu poder. Isto é, diante da morte, acaba-se o poder terreno, pois o esqueleto estaria quase que lhe retirando a coroa. A espada do imperador também se encontra quebrada - não tem mais a ponta - isto é, outro símbolo do poder terreno está maculado, não está mais intacto. O imperador já não porta cetro e orbe, que se encontram no chão em uma almofada aos seus pés; ao lado uma ampulheta - um dos símbolos da finitude do tempo: este passa para todos e essa passagem tem consequências. Nenhum poder dura para sempre. A morte é o fim do ciclo de poder dessa figura.

Em contrapartida, na xilogravura *A velha*, a morte encarna todo o sentido convidativo da Dança da Morte: dois esqueletos conduzem a idosa - um apoiando-a com entusiasmo e movimentos e outro, a frente, segue tocando um xilofone. A velha não aparenta estar apavorada, do contrário, mesmo com a cabeça curvada, parece estar em paz, pronta para seguir seu destino. No canto da imagem, encontramos um elemento comum com a imagem anterior: a ampulheta. O tempo acompanha a morte e a morte parece governá-lo. Seja para o imperador, seja para a idosa, ela chega mostrando o encerramento de um ciclo.

4. CONCLUSÕES

Após pesquisa bibliográfica e análise das peças indicadas, concluímos que a morte retratada por Holbein sempre aparece tentando chamar atenção dos demais personagens, nunca como coadjuvante. Sempre interagindo com os adereços da cena, não surge apenas como observadora. Esse fator aumenta ainda mais o sentido de morte universal espalhado pela Dança Macabra, pois a figura se enquadra e aparece em todos os tipos de cenários, interagindo com todo tipo de pessoas, sem distinção. O artista se esforça para que a morte não tenha muitas explicações, não vai trazer reflexões com lições de moral, ela é apenas uma parte da cena, apenas existindo como realmente é. Além da riqueza em detalhes que expressam a universalidade da morte proposta por essa alegoria, a

Dança de Holbein também é recheada de críticas sociais, principalmente no que se refere ao clero, retratadas em outras peças não analisadas aqui.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- BRAET, Herman; VERBEKE, Werner. **A morte na idade média**. Tradução de Heitor Megale, Yara Frateschi, Maria Clara Cescato. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- INFANTES, Victor. **Las danzas de la muerte: Génesis y desarrollo de un género medieval (siglos XIII-XVII)**. Salamanca: Ediciones Universad de Salamanca, 1997.
- HOLLAR, W. **The Dance Of Death: From the original designs of Hans Holbein**. Londres: B. M'Millan, 1816.
- HUIZINGA, J. **O outono da idade média**. Tradução de Francis Petra Janssen. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2010.
- LEHMANN-HAUPT, Hellmut. **Preface**. In: COLLINS, Marcia. *The Dance of Death in book illustration*. University of Missouri Library Series, 27. Colombia: University of Missouri, 1978.